

A ressignificação do patrimônio imaterial na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte - RS

The reinterpretation of the intangible heritage in Our Lady of Navigator's Feast of São José do Norte - RS

Alessandra Buriol Farinha*, Fabio Vergara Cerqueira**

Resumo: A presença do catolicismo no Brasil durante o período colonial foi estratégica. Este foi um dos fatores importantes no processo de ocupação de alguns territórios do Brasil e, sendo assim, é importante conhecer os produtos desta relação cultural, para melhor compreender e interpretar nossa trajetória. Este trabalho busca compreender alguns significados da bicentenária Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, RS, considerada a mais antiga com esta evocação do Brasil. O estado do Rio Grande do Sul teve sua ocupação tardia se comparado com demais regiões da colônia. Casais açorianos, no século XVIII, foram alojados nas proximidades de São José do Norte e em outras regiões com a missão de ocupar e extrair sua subsistência das terras e das águas desta península. Provavelmente essas raízes portuguesas contribuíram no legado da força da religiosidade, principalmente expressa na devoção em Navegantes, cultuada no local desde 1811 até hoje. O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre a Festa de Navegantes e sua memória viva, um patrimônio cultural, suporte material e imaterial do legado local, ressignificando alguns de seus aspectos. Pode-se afirmar que a Festa de Navegantes de São José do Norte, por seus aspectos relacionados com o lugar, tais como as técnicas de trabalho ligadas a atividades primárias, no caso agricultura e pesca, proporcionam uma "intimidade" com os elementos naturais, e um sentimento de gratidão pela fecundidade ou não destes. A subsistência ligada ao solo e às águas, atividades tradicionais são dádivas, talvez por isso a devoção a Navegantes seja intensa e incessante há 204 anos.

Palavras-chave: Festa de Navegantes. Ressignificação. Patrimônio. Memória.

Abstract: The presence of Catholicism in Brazil during the colonial period was strategic. This was one of the important factors in the process of occupation of some territories of Brazil, is important to know the products of this cultural relationship, to better understand and interpret our history. This article seeks to understand some meanings of the bicentennial Our Lady of Navegantes's Feast of São José do Norte, considered the oldest party with this evocation of Brazil. The Rio Grande do Sul state had the occupation considered late compared with other regions of the colony. Açorianos immigrants in the mid-eighteenth century, were housed near from São José do Norte and other regions with a mission to occupy and draw their livelihood from the land and waters of this southern peninsula. Probably these portuguese roots have left a strong legacy of religiosity, mainly expressed in the devotion to Our Lady of the Navigators, worshiped at the site since 1811 until today. It can be said that the Our Lady of Navegantes's Feast of São José do Norte, by its aspects related to the place, such as working techniques linked to primary activities, where agriculture and fisheries, provide an "intimacy" with the natural elements, and a sense of gratitude for fertility or not these. Subsistence linked to the soil and water, traditional activities are gifts, so maybe devotion to Navegantes is intense and ceaseless there 204 years.

Key-words: Navigator's Feast. Reinterpretation. Heritage. Memory

* Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Professora do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo (Unipampa). E-mail: alefarinha@yahoo.com.br

** Doutor em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia Clássica, pela USP. Professor Associado no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: fabiovergara@uol.com.br

1. Introdução

A presença do catolicismo durante o período colonial foi estratégica. Este foi um dos fatores importantes no processo de ocupação de alguns territórios do Brasil e, de acordo com Nolasco (2010), é importante conhecer os produtos desta relação cultural, para melhor compreender e interpretar nossa trajetória. Neste sentido, buscamos compreender alguns significados da bicentenária Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, considerada a mais antiga festa do Brasil com esta evocação (COSTAMILAN; TORRES, 2007).

O estado do Rio Grande do Sul teve sua ocupação tardia se comparado com demais regiões da Colônia. Imigrantes açorianos, em meados do século XVIII, foram alojados nas proximidades de São José do Norte e em outras regiões, com a missão de ocupar e extrair sua subsistência das terras e das águas do sul. Provavelmente essas raízes portuguesas contribuíram no legado da intensa religiosidade, principalmente expressa na devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, cultuada no local através de uma festa, desde 1811. Norberto Guarinello afirma que a festa é:

[...] uma produção do cotidiano, ação coletiva que se dá em um tempo e lugar, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto celebrado e comemorado, cujo produto principal é a força coercitiva dos participantes na esfera de uma determinada identidade (GUARINELLO, 2001, p. 973).

A ressignificação da festa de Navegantes como um patrimônio imaterial luso brasileiro, a reflexão de suas origens, trajetória e de como estas são refletidas hoje, fazem parte das ações que podem proteger o legado cultural para as gerações futuras, pois, conforme o trecho acima, a festa envolve diversos aspectos sociais e culturais. A festa representa a memória viva, trabalhar para a sua preservação representa, assim como na museologia, agir em defesa do patrimônio, memória e identidade, em suas diversas manifestações.

São José do Norte encontra-se em uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, sentido N-S, extremo leste do chamado bioma Pampa (termo de origem indígena para “região plana”) do Rio Grande do Sul, conforme mapa indicativo (Figura 01). Antes da ocupação por portugueses açorianos, documentos comprovam que já habitavam a região índios minuanos, militares, tropeiros, refugiados de Colônia do Sacramento¹, dentre outros. Esta massa demográfica heterogênea, de

¹ Cidade fundada pelos portugueses no ano de 1680, antigamente chamada de Colônia do Santíssimo Sacramento, localizada do lado esquerdo do Rio da Prata, distante 48 quilômetros de Buenos Aires. Surgiu com poucos ranchos construídos com capim e barro, vindo a ser, no começo do século XVIII, uma

diversas etnias, porém majoritariamente lusa, deixou traços de identidade, práticas culturais, folclore, religião, costumes que formaram as bases da vida e atividades levadas pelos habitantes locais até hoje.



Figura 01 - Mapa de São José do Norte - RS.
Fonte: GoogleMaps, 2015.

Atualmente, as principais atividades econômicas permanecem sendo a pesca e a agricultura. De acordo com a fala local, estas atividades declinaram nos últimos 20 anos, e a cidade vive um momento de crise econômica no viés das atividades tradicionais, nas safras dos frutos da terra e das águas. Por esse motivo, a Festa de Navegantes, antigamente era maior, contava com mais investimentos de pescadores e agricultores, os devotos iam para agradecer pela fartura, enquanto hoje permanece, em menores proporções, quando são feitos pedidos para a Santa para que a situação melhore.

Um aspecto interessante e peculiar sobre o lugar é a relação com as águas. A maior e mais próxima cidade é Rio Grande e, para chegar até lá, é preciso atravessar o canal Miguel da Cunha, algo rotineiro para os habitantes locais e/ou seus familiares, que muitas vezes, mesmo sem trabalhar diretamente com a pesca, são obrigados a navegar diariamente e/ou frequentemente a trabalho, estudo, compras, atendimento médico, e outros. Desta forma, em seu cotidiano, os moradores de São José do Norte vivem em função das águas, da navegabilidade, sua subsistência depende deste aspecto, intrínseco em sua identidade cultural. De acordo com Hall (2006), aspectos

sólida fortaleza que abrigava igreja, hospital, casas de pedra, várias ruas e quartel (COSTAMILAN; TORRES, 2007, p. 18).

de nossa identidade se originam do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Conforme o autor, a identidade cultural é dinâmica e deriva das condições atuais da sociedade que estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006, p. 9).

A principal justificativa para este trabalho é a vulnerabilidade com relação aos bens culturais locais. Acredita-se que é preciso dar mais visibilidade a festa, as atividades tradicionais, a cultura local, para que não se dissolva essa rica identidade, e os meios naturais que a envolvem. São José do Norte é atualmente uma das cidades que mais crescem no estado pelos investimentos em obras portuárias², aumento demográfico, transformações no território, criação de novas atividades, geração de empregos em diversas áreas, situações que têm gerado impactos na tradicional vila de pescadores e, portanto, na Festa de Navegantes.

O método utilizado neste trabalho foi qualitativo, com revisão bibliográfica, utilizando autores de história da ocupação açoriana no estado (AMARAL, 1999; BUNSE, 1981), festa como patrimônio cultural (FUNARI; PELEGRINI, 2008; GUARINELLO, 2000), identidade, memória coletiva, suportes de memória (CANDAU, 2009, 2011; HALBWACHS, 1990) significantes, significados e símbolos (LEFEVBRE, 1969, 1991; TUAN, 1983) e outros, que estão contribuindo para cristalizar o conhecimento deste objeto interdisciplinar e passível de diversas interpretações.

A pesquisa de campo ocorreu durante as festas de Navegantes nos anos de 2013, 2014 e 2015. Foi utilizada a observação participante, com estada no lugar por longo período, sendo consideradas as relações estabelecidas antes e depois da festa, não apenas durante. Na pesquisa de campo foi feito o registro de fotografias da preparação e momentos do acontecimento da festa, que buscaram demonstrar os símbolos, as etapas, o uso dos suportes de memória, a expressão da fé e outros aspectos da festa religiosa bicentenária. Com relação aos depoimentos, trabalhou-se com o método de entrevista livre, sem questões formais, onde foram colhidos relatos orais repletos de emoções, dando ao entrevistado liberdade e flexibilidade para se manifestar e assim melhor captar o sentido da devoção, da fé, da motivação religiosa dos depoentes. A escolha desta metodologia baseou-se principalmente em Pollak (1989), quando afirma que diferentes pontos da nossa memória podem descrever indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, e em Halbwachs

² Empreendimentos que não têm trazido benefícios satisfatórios para a cidade, e sim uma demanda de operários vindos de outras cidades e estados, que se deslocam de Rio Grande para São José do Norte diariamente para trabalhar nas obras, regressando no final do expediente.

(1990), que evoca o depoimento, afirmando que ele dá significado à memória coletiva, que somos o que lembramos.

2. Considerações sobre ocupação açoriana, território, memória e identidade local

A paisagem é a materialização do espaço. O espaço são as formas materiais existentes, aliado a vida que deriva dele. É esse sistema de objetos que corresponde à paisagem. De acordo com Santos (2006), a materialidade do mundo, as formas que o compreendem são indissociáveis dos atos, e estes, quando possuem significados, se transformam em ações. Para a melhor compreensão desta localidade, de sua memória viva e do legado cultural representado aqui pela Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, traçaremos um breve panorama da história do município de São José do Norte, de sua ocupação, seus aspectos geográficos, paisagísticos, étnicos, culturais.

O município de São José do Norte³ encontra-se a cerca de 372Km da capital, Porto Alegre. Faz parte de uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos. Os limites são ao norte, a Lagoa dos Patos, a nordeste, o município de Tavares, ao leste Oceano Atlântico, ao sul o Canal do Norte e Molhe da Barra do RS, a sudeste o Estuário da Lagoa dos Patos, a oeste e noroeste a Lagoa dos Patos. A maioria do território é constituída por campos, com vegetação rasteira e herbácea, típica da costa do litoral sul do Brasil. Dunas relativamente altas são concentradas em toda a área municipal, inclusive na área urbana (COSTAMILAN; TORRES, 2007).

Possui população estimada em 25,5 mil habitantes (IBGE, 2010). A economia local ampara-se na pesca, agricultura e comércio. A cidade possui centro histórico composto por ruas e quarteirões irregulares, casas térreas e sobrados que guardam características da habitação urbana tradicional, importante parte da história do Rio Grande do Sul.

Conforme dito, a ocupação do lugar se deu por pessoas da etnia portuguesa, oriundas do Arquipélago dos Açores. Eles foram responsáveis pela disseminação da religiosidade vinculada ao catolicismo, conforme afirma Amaral:

Os povos da península ibérica, bem como os povos latinos, possuem forte ascendência religiosa, vivenciada no acompanhamento dos ritos da Igreja Apostólica Romana. Esta exercia grande influência em toda

³ Palco de um importante combate da Revolução Farroupilha, por isso recebeu o título de Mui Heroica Villa, através do Decreto Imperial de 25 de outubro de 1841. Em 31 de março de 1938 a Vila de São José do Norte foi elevada à categoria de cidade (COSTAMILAN; TORRES, 2007).

a América Latina - espanhola e portuguesa [...]. O Rio Grande de São Pedro foi colonizado, inicialmente, pelos brasileiros paulistas, fluminenses e mineiros, chegando, posteriormente, os colonizadores lusos do continente e dos Açores, bem como da Ilha da Madeira. Para eles os rituais católicos do batismo e crisma, casamento e ritos funerários são seguidos à risca (AMARAL, 1999, p. 215).

A religiosidade era intensa, não apenas por causa dos costumes trazidos pelos imigrantes portugueses, mas também pelo autoritarismo militar, que tinham o controle inclusive sobre as atividades eclesiais. Conforme Amaral (2009), a população era coagida a participar das missas, em horário determinado pelos militares, sob pena de prisão se a determinação não fosse cumprida. De acordo com Barcellos (1955), as ordens dos governadores e capitães gerais eram que se alguém sem justo motivo não comparecesse a solenidades públicas, procissões e ofícios religiosos, era preso. Estes fatos passados dão significado à natureza da religiosidade local, hegemonicamente católica, celebrando, além de Navegantes, outras devoções portuguesas.

Sobre as bases do catolicismo local, o nome da antiga capela existente no lugar onde se instalaram os açorianos era Nossa Senhora das Candeias, e algum tempo após passou a se chamar Nossa Senhora da Conceição. De acordo com Bunse (1981), a capela foi construída pelo capelão dos índios minuano que viviam na Fazenda Real Bojuru.

Os açorianos tiveram papel importante para o desenvolvimento urbano, demográfico e econômico local. Destacaram-se na produção de trigo, contribuindo para que a província se tornasse um dos maiores exportadores do produto no final do século XVIII. Eles mesclaram-se com os habitantes locais, adaptaram-se a costumes da terra, porém resguardando suas tradições, na família, no trabalho, na vida cotidiana.

[...] os imigrantes foram recriando nas comunidades que os acolheram suas celebrações, ritos, danças e cantos. Se, num primeiro momento, a motivação atendia às necessidades de preservar uma identidade própria, valores simbólicos e culturais, com o passar do tempo tais manifestações foram se transformando em mais uma forma de integração e de troca com a cultura popular local (AMARAL, 2002, p. 111).

É válido refletir que a ocupação deste território de difícil acesso (conforme visto na Figura 01), por portugueses católicos, geridos por militares, também portugueses, teve forte influência no que chamamos de “aproximações luso brasileiras”. A ocupação do território por portugueses legítimos colocava a coroa em situação “confortável”, frente a situações de disputas e conflitos com os espanhóis pela posse das terras

platinas. Os portugueses lutariam, por conta própria, por “suas” terras, por seu lugar. Seriam “aliados” da coroa portuguesa.

Atualmente, os habitantes de São José do Norte levam uma vida cotidiana que se pode chamar de desacelerada⁴. A maior parte das atividades cessam no horário de almoço, entre 12 e 14 horas. Jovens, crianças, mulheres, idosos, passam os dias “em casa”, foram percebidas diversas relações vicinais estáveis. Os habitantes dividem suas atividades entre atividades relativas ao comércio, igreja, agricultura, pesca, pecuária, as viagens a Rio Grande, entre outras. Pode-se verificar a existência de bares, botecos, armazéns que servem como espaços de sociabilização, principalmente entre homens, com música alta, camaradagem e gargalhadas. Henri Lefebvre afirma que o cotidiano nos remete a uma ideia de pulsão criativa, que se deve ter atenção ao estudo do cotidiano, pois ele revela mais do que parece sobre determinado lugar. No cotidiano estariam assentadas as relações “singularmente estáveis”, sendo possível afirmar que o cotidiano pode apoiar, ou fixar as tradições, culturas, memórias locais.

Sob a perspectiva da memória, se pode afirmar que ela está em espaços, lugares, ruas, edificações, objetos. São os chamados pontos de apoio da memória, ou suportes de memória (HALBWACHS, 1990). De acordo com Nora (1984), para que um lugar seja chamado de lugar de memória, deve estar permeado por significados, afecções de um determinado coletivo. Os lugares de memória são “estruturas de apelo para a identidade de grupos ou indivíduos” (CANDAU, 2009, p. 48). Para se ter afecção, é preciso conhecer, habitar o lugar, relacionar-se com ele e nele, criar vínculos, viver.

Pode se afirmar, neste objeto de pesquisa, que a memória e a identidade luso-brasileira se concentram em lugares, considerados lugares privilegiados, que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo (CANDAU, 2011). Sobre a noção de espaço, pode-se citar Sayad (2000), que afirma que qualquer espaço é, por definição, um espaço nostálgico, um lugar aberto para todas as nostalgias, carregado de afetividade. A descoberta desses lugares, de seus símbolos, significados, dos sentimentos da comunidade com relação à Festa de Navegantes pode recuperar a historicidade, tanto do lugar quanto da festa enquanto fenômeno social.

Celebrações, rituais de fé, ocorrem em determinados locais, e estes ficam marcados para o coletivo, principalmente os habitantes locais. A Festa de Navegantes

⁴ Impressões da observação participante durante os anos de 2014 e 2015.

enquanto bem cultural possui dimensão material e imaterial. De acordo com Funari e Pelegrini (2008), a imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial. Montenegro (2012) afirma que é da dinâmica da identidade cultural que se forma o patrimônio e que este não pode ser simplesmente dividido em material e imaterial, pois é do equilíbrio entre o simbólico e o lugar que se constitui o que pode ser chamar de patrimônio. No caso da Festa de Navegantes, o simbólico, o ritualístico passa a constituir o patrimônio, a memória social. De acordo com Candau:

[...] a patrimonialização desempenha um papel essencial para autenticar uma narrativa coletiva de um passado compartilhado. Na realidade, é muito mais a crença nessa propriedade compartilhada que é transmitida - crença essa compartilhada - que a propriedade propriamente dita. A função principal da autenticação da narrativa, pela patrimonialização ou pela comemoração, é de favorecer a emergência de um compartilhar real, aquele da “crença” no compartilhar, crença adotada pelos membros do grupo (CANDAU, 2009, p. 49).

Fazendo uma releitura da situação sociocultural, talvez para a comunidade de São José do Norte, o bem cultural a ser preservado sejam as atividades tradicionais, as quais ocupam seu cotidiano, as relações constituídas através dos anos, os ‘causos’ dos bares, as festas e celebrações. O pesquisador do patrimônio cultural deve ser sensível ao modo de vida, as expressões locais, para fazer uma interpretação de o que significa o bem cultural, o lugar de memória para o autóctone. Nos estudos sobre a memória, Pollak (1989) afirma que o pesquisador precisa ser sensível e crítico, problematizando a análise dos dados obtidos para que as informações estejam de acordo com uma base comum.

3. A Festa de Navegantes: alguns significados e ressignificações do patrimônio em pesquisa de campo

Henri Lefebvre nos fala sobre os significantes e significados, sobre as formas de interpretar o mundo, a cidade, os relacionamentos, a partir da modernidade. O autor afirma que no passado existiam “referentes sólidos” (LEFEBVRE, 1991, p. 121), e a sociedade possuía “códigos gerais” predominantes e fixos (de honestidade, de honra, e outros), havendo uma unidade entre cada coisa, ou valor, ou moral e os seus significados. Significantes são as formas da linguagem, corpos, estruturas. Significados pluralizam ideias, apropriações, percepções, sentidos. De acordo com Lefebvre (1991) há, no cenário da modernidade, um processo de des-simbolização, de

ruptura ou distância entre significante e significado. Assim, “o homem privado de símbolos, atormentado pelas coisas, pelos sinais, pelos barulhos” (LEFEBVRE, 1969, p. 213) seria atravessado pela propagação do culto à novidade.

De acordo com Tuan (1983), “a amplitude da experiência ou conhecimento pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos” (TUAN, 1983 p. 07). Portanto, os saberes e fazeres humanos atribuem significados e organizam as paisagens, ao passo que os símbolos presentes fazem a mediação entre o mundo interior e o mundo exterior.

Mesmo com o “culto a novidade”, inovações, tecnologia, informação, e outras características da atualidade, a Festa de Navegantes de São José do Norte apresenta-se permeada de significantes e significados relacionados ao território, ao luso-brasileiro, às atividades pesqueira e agrícola, ao comércio, à demonstração de afecção da comunidade, camaradagem, conflitos da comunidade, piedade, fé, dentre outros aspectos que constituem o patrimônio, a memória, identidade e tradição locais. Trazemos para esta parte do artigo algumas fotografias dos momentos das festas de Navegantes dos anos de 2014 e 2015 e depoimentos que remetem a esta intrínseca relação entre a festa, o lugar e as pessoas que a realizam, plena de significados e experiências sociais. É possível também fazer a ressignificação do patrimônio herdado de antepassados portugueses, bem como de outras etnias, através do uso dessas tradições vivas no presente. Podemos identificar naquele espaço/tempo (a festa) aspectos humanísticos, trajetórias de vida e marcos com expressivos significados simbólicos. Hildebert Isnard citado por Correa (1995, p. 10) afirma que o simbolismo traduz, em sinais visíveis, não só o projeto vital de toda a sociedade, que é subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura.

A origem da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes é milenar. De acordo com Funari e Pelegrini (2008), durante a Idade Média, no Mediterrâneo, realizava-se procissões marítimas em honra à *Madonna dei marinai*, de onde os portugueses herdaram a tradição⁵. As grandes navegações no século XV impulsionaram a devoção a Virgem Maria, a quem os navegantes e trabalhadores do mar pediam a proteção quando estivessem nas águas.

⁵ Tradição que permanece também em Portugal até os dias atuais, principalmente na Baía de Cascais, Costa da Caparica e Armação da Pêra.

Nos primórdios do Brasil colonial, em 1586, o padre, jesuíta e poeta português José de Anchieta registrou em seus escritos a respeito do gosto dos habitantes por festas e diversão. Os portugueses aproveitaram essa inclinação para fazê-los incorporar tradições católicas, para catequizar os brasileiros, dando origem às festas religiosas, como ressaltado no trecho a seguir:

Populares, religiosos, folclóricos ou globalizados, são muitos os temas e diversas as formas que compõem o mapa das festividades no Brasil, garantindo o ano todo espaços de convivência, de trocas culturais, e de manutenção de suas tradições por meio de música, danças, jogos, representações, brincadeiras e tantas outras expressões (AMARAL, 2002, p. 109).

A primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte foi realizada no ano de 1811 (COSTAMILAN; TORRES, 2007). Idealizada por trabalhadores do mar, operadores de carga e descarga de navios⁶, pescadores, dentre outros, os quais iniciaram um movimento de festividades religiosas em veneração a Virgem dos Navegantes. Desde aquela época, quando o tempo permitia, a procissão fluvial de Navegantes dirigia-se a Rio Grande, pelo canal do Norte, chegando à povoação de pescadores, onde estes devotos recebiam a bênção litúrgica e após regressava a São José do Norte.

A Festa de Navegantes permanece ocorrendo na cidade anualmente, no dia 2 de fevereiro, sendo assim a mais antiga do Estado. Desde o ano de 2008 é considerada patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul⁷.

Em participação na Festa de Navegantes de 2013, 2014 e 2015 foi possível acompanhar as diversas fases que a compõem. Nos nove dias que antecedem a festa (do dia 24 de janeiro ao dia 1º de fevereiro), ocorre a novena, ou seja, nove dias de missas diárias na Matriz São José, organizadas pelas diversas comunidades que compõem a paróquia, congregando a comunidade e preparando o festejo.

No dia 2 de fevereiro às 7h, ocorre a primeira missa, com a presença de vários fiéis. A outra missa, mais solene, com a presença do bispo diocesano, ocorre às 10h30, com a igreja absolutamente lotada. É intensa a participação dos moradores da cidade, há um ambiente de camaradagem, familiar, vicinal, amistoso e é claro, de fé e devoção. Esta missa estende-se até às 12h, quando ocorre o almoço no salão paroquial. Participam do almoço as lideranças da igreja, os festeiros, e suas famílias.

⁶ De acordo com a fala local, estes eram operadores das chamadas catraias, pequenas embarcações movidas à vela que faziam a comunicação de produtos entre as embarcações maiores e o continente, pois na época, começo do século XIX, não havia um porto para o atraque destas embarcações.

⁷ Lei Estadual nº 12.988 de 13 de junho de 2008.

Os vendedores ambulantes, trailers de lanches, bares, restaurantes e lancherias ficam lotados com participantes da festa, moradores, turistas. As barraquinhas de *souvenirs* também lucram neste dia, que se caracteriza pela grande movimentação de fiéis, da manhã até a noite.

Logo após o almoço, às 14h os fiéis são convidados a dirigirem-se aos barcos (aqueles que têm o ingresso, que é distribuído semanas antes pela secretaria da paróquia) para a procissão marítima. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é então conduzida ao barco, juntamente com as imagens de São José (padroeiro da cidade), São Pedro (o apóstolo pescador) e Sagrado Coração de Jesus. Cada imagem ocupa uma embarcação diferente. Embarcam também o padre, a banda da Prefeitura Municipal, dentre centenas de fiéis que se dividem nas embarcações oficiais.

Participam da procissão marítima centenas de barcos, a maioria de pescadores artesanais de São José do Norte, com suas famílias, vizinhos, amigos. As pessoas que moram no interior da península aproveitam para visitar a família, amigos, e participar da festa. Cada barco paga a despesa da viagem que envolve o percurso da procissão. A procissão percorre as águas da Lagoa dos Patos, até a Ilha da Marinha, fazendo o contorno desta e passando por todo o cais do porto antigo de Rio Grande, onde centenas, talvez milhares de pessoas amontoam-se para prestar homenagens, jogando flores, cartas, moedas e outras oferendas e retornando a seguir a São José do Norte para o desembarque dos fiéis e das imagens. Após o desembarque, ocorre a procissão terrestre pelas ruas do centro histórico da cidade com as quatro imagens, com paradas para bênçãos a lugares públicos, com demonstrações de fé e intensa devoção, pagadores de promessas, crianças vestidas de anjos, pessoas descalças, e outros. A multidão em procissão regressa então para a Matriz São José, as imagens sendo conduzidas para o interior da igreja. Encerrando a cerimônia, procede-se a bênção final do pároco e apresentações musicais.

É possível aferir na festa varios significados e ressignificações. A festa é eminentemente popular, ritualística, penitencial, com exposição pública da fé, vinculada ao labor do pescador, do trabalhador marítimo, que envolve vários setores da sociedade. A Santa é a protetora dos trabalhadores das águas, talvez por isso a intensa devoção na cidade (uma península entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos), onde a pesca possui enorme importância.

A Festa de Navegantes revela a profunda religiosidade que permeia a sociabilidade local, a economia, o espaço, a história, a tradição e a memória. Amaral (2002) afirma que as festas religiosas têm origem em cultos agrários da antiguidade

greco-romana. Neste caso, percebemos esta peculiaridade, principalmente com as águas.

Em pesquisa de campo foi possível identificar a relação da festa com o agradecimento pelo trabalho, pela vida que não fora retirada em acidente marítimo, pela boa safra de pescado ou pela boa colheita, pela recuperação, pela saúde, dentre outros, através da fala local, e das preces do padre durante a procissão terrestre, afirmando a sensível relação e peculiaridades que existem nesta paisagem cultural, entre a festa e o cotidiano. Os objetos expostos no altar, na missa do dia 2 de fevereiro complementam esta discussão, como apresentado na Figura 2, a seguir.



Figura 02 - Objetos no altar da missa da festa de Navegantes, 2015.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2015.

Um peixe, um barco e rede de pesca em miniatura, uma carteira de trabalho e seguro social, uma réstea de cebolas e um cesto de hortifrutigranjeiros, foram ofertados na missa solene da Festa de Navegantes. Referências claras para que a Virgem Maria abençoe as atividades laborais da comunidade. “A gente pede, reza por uma safra boa, então quando a safra é boa, a festa é grande” (fala de um dos devotos em participação na Festa de Navegantes). Pode-se aferir a grandiosidade da festa, diretamente, com a qualidade da safra de pescado ou agrária, quando a safra é ruim, não há dinheiro para contribuir com a Festa. A festa serve também para os fieis pagarem as promessas de graças alcançadas, demonstrando a força da fé popular

nesta invocação mariana. O depoimento a seguir, colhido na Festa de Navegante de 2015, relata o testemunho de fé de um agricultor, que descreve como recebeu a sua graça da Virgem Maria:

[...] olha, eu era católico, mas nunca tinha tempo para ir na igreja, participar na comunidade. Ficava sempre envolvido com lavoura, eu vivia bem, com saúde, nunca me deu nada. De repente senti um caroço na garganta, mas não tinha dor. Fui nos médicos daqui do norte e ninguém sabia me dizer o que era. Ai fui num especialista, o melhor que tem no Rio Grande, Era um tumor maligno. Comecei a fazer quimioterapia, o médico disse que o meu caso, no pescoço, ia ser difícil, mas que eu tive muita sorte que deu para perceber a tempo, que estava no início. Na primeira sessão já me caiu o cabelo, senti mal, enjoo, e entreguei a Nossa Senhora, que tivesse força para aguentar aquilo e vencer a luta. Prometi que iria embarcar na procissão marítima dos Navegantes todo o ano, mesmo que eu não me curasse, por que tinha que ter fé, e que iria levar a minha imagem de Nossa Senhora Aparecida embarcada comigo. Continuei fazendo minhas quimioterapias, e olha, fui melhorando, até que fiz a operação. Durou 5 horas, mas tirou tudo, não ficou uma célula ruim. E hoje vivo com a fé, agradeço por cada dia que Deus me dá, e cumprio a promessa todo o ano na procissão de Navegantes (Sr. Reinaldo Lemos, agricultor).

O depoente, abordado no barco, durante a procissão marítima de 2015, carregava consigo uma imagem da Virgem Maria, durante todo o percurso da viagem. Por momentos se emocionou ao lembrar-se do sofrimento trazido pela situação de doença, e atribuiu a sua cura, conforme visto, à Virgem Maria, daí seu sacrifício em participar da procissão carregando a imagem de Maria, quem o livrou da enfermidade.

No mesmo barco, uma devota de Navegantes, avó, afirma que cumpre há dez anos uma promessa feita pela cura de um neto, participando anualmente da Festa de Navegantes, enquanto o neto, que não quis embarcar neste ano, participava da Festa em terra, esperando-a no cais, local do desembarque da Virgem Maria. São alguns exemplos do catolicismo popular e da força desta invocação mariana nesta cidade. Os depoimentos acima são exemplos de fundamental importância para a compreensão de como se formam os objetivos individuais dos devotos que participam da festa e que, se pensados em um coletivo, se transformam em um fenômeno devocional que justifica de certa forma sua existência por mais de dois séculos.

Ao participarmos da Festa de Navegantes de 2014, observamos as embarcações que navegavam na procissão marítima (Figura 03).



Figura 03 - Barcos na Festa de Navegantes de São José do Norte - RS.
Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2015.

Percebemos a presença de crianças e famílias inteiras, a bordo do barco enfeitado com bandeiras azuis e brancas e a bandeira nacional. Ao fundo, à esquerda, mais devotos no cais do porto assistindo à procissão, pois não há lugar para todos embarcarem; e no horizonte da fotografia, as casas antigas e a Igreja Matriz São José. Pode-se também verificar, ao fundo, fiéis embarcados e uma multidão de devotos no cais do porto, juntamente a ruínas de prédios da antiga cidade. Para entender o significado desta fotografia, vale salientar que neste momento eram cerca de 14h do dia 2 de fevereiro, em um dia de verão com temperatura superior a 35°, fazendo com que o simples fato de estar exposto ao sol, comemorando, cantando, louvando, fosse um sacrifício em honra à Santa.

Comemorar, do latim, *commemorare*, significa trazer à memória, fazer recordar, lembrar junto, a união de pessoas para relembrar fatos passados. A comemoração se apropria de um tempo histórico, construindo e transmitindo a memória. Portanto, a festa é comemorada, é uma rememoração que sintetiza os valores de uma determinada comunidade, construindo “a crença” ou memória social. A festa é uma produção do cotidiano, ação coletiva que se dá em um tempo e lugar, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto celebrado e comemorado, cujo produto principal é a força coercitiva dos participantes na esfera de uma

determinada identidade. Toda a festa é uma estrutura de poder que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes.

De acordo com Ferreira (2009, p. 11), “as festas de caráter sagrado ou profano são acontecimentos tradicionais que movem as pessoas por motivações psicológicas, devocionais, lazer ou mesmo enriquecimento cultural”. Conforme a autora, as festas religiosas são uma das mais antigas manifestações da vida social no Brasil. Elas diferem umas das outras conforme a época e a sociedade, mas, invariavelmente, representam os valores, reforçam as estruturas sociais e ajudam a construir a identidade de um grupo (FERREIRA, 2009).

As festas religiosas são importantes por marcarem um tempo especial destinado ao ócio, à confraternização, à troca de diálogos, às experiências, à sociabilização. A festa religiosa insere-se na dinâmica social dos hábitos culturais, alimentares, e até de sobrevivência (MONTENEGRO, 2012). Está ligada ao território, aos saberes e fazeres locais, aos ofícios, às dificuldades pelas quais os participantes passam. É um tempo de ligação com o transcendente, quando é possível agradecer e pedir graças e a proteção divina.

Conforme visto, a festa pode ter um cabedal de atributos relacionados ao lugar, à devoção, à tradição, à memória social local. Os significados da festa variam de acordo com o papel que a pessoa assume na sociedade, o servidor público, o vendedor, o devoto, o pescador, o ambulante, o aposentado, etc. Porém, para todos eles, a vida cotidiana muda, a festa influencia de alguma forma a sua vida, independente do significado que ela tenha, transformando a paisagem, influenciando mudanças, sugerindo continuidades.

Os dizeres da faixa alocada no barco “Não jogue lixo no mar, preserve a natureza, o mar é a nossa vida”, sintetiza bem a discussão aqui proposta, mostrando a relação entre o lugar e a vida que acontece ali, de forma indissociável (Figura 04). O barco estava sendo preparado para a procissão marítima de Navegantes de 2014. Mostra ainda um encontro entre a tradição viva e os debates hodiernos, como a premência da conservação ambiental.

Foi possível verificar a riqueza e diversidade de motivações que movem o nortense a participar desta Festa originalmente portuguesa. O que importa neste contexto é que Nossa Senhora dos Navegantes significa para os devotos fortaleza, esperança, prospecção de futuro, transmitindo o legado recebido para as gerações futuras, que possivelmente irão perpetuar esta tradição, se tiverem esta oportunidade.



Figura 04 - Barcos em preparação para a Procissão de Navegantes.
Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2015.

5. Considerações finais

Objetivamos neste trabalho refletir sobre a Festa de Navegantes de São José do Norte como um produto, uma herança cultural de antepassados portugueses, que remete a tradições mediterrânicas mais antigas, identificando seus significados relacionados ao lugar, ao cotidiano local, a atividades dos habitantes, no sentido de estudar como a memória transita nesses espaços.

É possível aferir, após a metodologia proposta, que a Festa é uma tradição familiar, de gerações, com diferentes motivações e impulsos, mas com o fervor, seja de agradecimento ou de súplica. Acima de tudo, é preciso compreender o processo de ocupação, de gênese desta fé, para então compreendê-la, o que foi feito no estudo da imigração açoriana e as principais atividades exercidas no passado.

Corroboramos com Carl Sauer (1963), quando afirma que a análise da cultura deve levar em conta que ela se origina, difunde-se e evolui no tempo e no espaço, fazendo-se compreender no tempo, porém traçável no espaço onde se localiza (CORREA, 1995). Só é possível compreender um fenômeno cultural quando analisamos o macro, o complexo sistema de significantes e significados relacionados ao lugar.

Pode-se afirmar, portanto, que a Festa de Navegantes de São José do Norte, por seus aspectos relacionados com o lugar, tais como as técnicas de trabalho ligadas a atividades primárias, no caso agricultura e pesca, proporcionam uma “intimidade” com os elementos naturais, e um sentimento de gratidão pela fecundidade ou não destes. A subsistência ligada ao solo e às águas, atividades tradicionais de São José do Norte, são dádivas, talvez por isso a devoção a Navegantes é intensa e incessante há 204 anos.

As festas religiosas proporcionam um conhecimento complexo da cultura local relacionado ao lugar, tradições e memória. É portanto necessário que estes eventos, religiosos ou não, sejam estudados de maneira a contribuir para a preservação dos bens imateriais.

A interpretação dos significados de nossa existência, neste caso as tradições herdadas dos portugueses, a valorização de momentos e elementos são importantes, pois atribuem sentido a nossa existência, são alguns dos aspectos que esse trabalho nos leva a refletir. Afinal, as manifestações culturais não devem ser apenas contemplativas, mas algo que nos leve a pensar, como sistema de vida, de trabalho, de tradições, relações humanas, técnicas. É preciso pensar a cultura popular tanto como legado quanto como prospecção de futuro, continuidade, e entender porque fazemos determinada atividade.

É válido relembrar a situação de vulnerabilidade da cidade de São José do Norte com relação a mudanças no território, a partir dos investimentos portuários no local, ocasionando possíveis impactos na configuração da vida social. Uma sensibilização com relação aos bens culturais seria um passo para a preservação.

Referências

- AMARAL, Ivone Leda do. A sociedade de Nossa Senhora da Conceição do Estreito e Contribuição Açoriana na Formação Cultural do Rio Grande de São Pedro. In: JACCOTTET, Alda Maria de Moraes (Org.). *A largueza histórica do Estreito*. Pelotas: Editora Universitária, 1999. p. 109-215.
- AMARAL, Liana Martins do. *Paisagem cultural Brasileira: região sul*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002.
- BARCELLOS, Rubens de. *Estudos Rio-Grandenses*. Coleção Província, v. 07. Porto Alegre: Globo, 1955.
- BUNSE, Heinrich. *São José do Norte: Aspectos linguístico-etnográficos do antigo município*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

- CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, v. 01, n. 01, p. 43-58, 2009. Disponível em: <<http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2013.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CORREA, Roberto Lobato. A dimensão Cultural do Espaço: alguns temas. *Revista Espaço e Cultura*, Ano 1, p. 01-21, Outubro de 1995.
- COSTAMILAN, José Fernando; TORRES, Luiz Henrique. *São José do Norte: o início de um povoamento*. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, 2007.
- FERREIRA, Lorene Dutra Moreira. *Festas Religiosas: uma manifestação cultural de Mariana*. Ouro Preto: ETFOP, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A.. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GUARINELLO, Norberto. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Orgs.). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 969-975.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. *Senso demográfico de 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=21&uf=43>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- LEFEBEVRE, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969
- LEFEBEVRE, Henri. *A vida cotidiana e o Mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MONTENEGRO, Monica. ¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos? Re-apropiación de paisajes culturales como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueología pública enel Noroeste Argentino”. Mini-curso proferido na UFPel/ ICH/ PPGMP, 2012.
- NOLASCO, Simone Ribeiro. *Patrimônio Cultural Religioso: a herança portuguesa nas devoções da Cuiabá colonial*. Cuiabá: Entrelinhas - Editora UFMT, 2010.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: La problématique des lieux. In: NORA, Pierre (Org.). *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. Vol.1 La République, 1984. p. VII-VIII.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, número especial, p. 7-32, jan. 2000.
- TUAN, Y-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo. DIFEL, 1983

Depoimento

Sr. Reinaldo Lemos, agricultor, devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, entrevistado em 02 de fevereiro de 2015, durante a procissão marítima.

Data de recebimento: 02.05.2015

Data de aceite: 21.09.2015